

Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação

Eduardo Meditsch¹

Resumo

Este texto parte de um diagnóstico das tendências contemporâneas do ensino de jornalismo, tendo como principal referência os debates sobre a questão realizados nos Estados Unidos na última década. Em seguida, critica os problemas apontados desde a perspectiva pedagógica do educador Paulo Freire. Por fim, a partir da experiência do autor, indica caminhos que podem levar à emancipação do jornalismo enquanto área acadêmica e atividade intelectual relevante.

Palavras-chave: Jornalismo. Ensino. Pesquisa. Estados Unidos. Brasil. Paulo Freire.

Pensar em novas tendências no ensino do jornalismo passa por pensar este ensino no contexto da nascente sociedade da informação. Um estudo recém-realizado pela revista *The Economist*, com mais de mil executivos de empresas de todo o mundo, aponta a Gestão do Conhecimento como a questão mais importante para a sociedade, a economia e as organizações nos próximos 15 anos (FORESIGHT, 2006). O diferencial competitivo apontado por eles está no conhecimento e nas redes de relacionamento: buscar, recolher, selecionar, processar, conhecer e

¹ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, doutor em Jornalismo, pesquisador do CNPq

compartilhar informação se tornou o essencial. Conhecidos agora os limites da tecnologia em algumas áreas, especialmente na inteligência artificial, ficou claro onde os seres humanos não poderão ser substituídos com vantagem pelas máquinas. Isto determina a centralidade do trabalho intelectual no processo produtivo. Se a era industrial precisava de *mão-de-obra* para tocar as máquinas mecânicas e elétricas, a era do conhecimento vai requerer *cérebros operantes*, para extrair da informação eletrônica o que ela pode dar da melhor.

Sem dúvida, esta perspectiva representa um grande momento para um ofício que tem pelo menos quatro séculos de experiência em trabalho intelectual com a informação. Uma profissão que desenvolveu métodos, técnicas e deontologia amadurecidas para a apuração, seleção, checagem, processamento, apresentação e compartilhamento da informação. Um ofício que domina a competência (entendida aqui como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes) para a ‘cognição situada’, sob pressão do tempo e do espaço, um treinamento cada vez mais valorizado quando a informação requerida para a tomada de decisões trafega em velocidade próxima à da luz. Uma profissão que desenvolveu um modelo mental (o “faro jornalístico”) extremamente eficaz para identificar e reconhecer o novo e o relevante. Exemplos dos novos horizontes desta profissão podem ser encontrados, por exemplo, na Universidade de Kent, nos Estados Unidos, onde pesquisadores de jornalismo estão trabalhando em parceria com

colegas da informática e das ciências da informação no desenvolvimento de uma ergonomia informativa – *informative ergonomics* – ciência aplicada para fornecer ao usuário a informação certa, na hora certa, no local certo, na forma e na profundidade adequadas a suas necessidades.

Esta perspectiva que se abre, no entanto, contrasta com a fragilidade e o pouco reconhecimento do jornalismo, expressos na baixa remuneração e na dificuldade de seu reconhecimento entre as profissões regulamentadas e auto-reguladas, problemas que tem enfrentado a nível internacional. E como se porta o ensino de jornalismo diante desta situação: como nossas escolas têm contribuído?

Novas e velhas tendências se defrontam em nossas escolas. Um exemplo me ocorre com um pedido que recebi em 2006 de formandos em jornalismo de uma prestigiada universidade pública brasileira, e que pedi licença para citar aqui, sem identificar os autores e a origem:

Prezado professor: estamos nos formando em jornalismo e, como projeto final, decidimos discutir e analisar alguns mitos sobre o jornalismo na atualidade. Trabalhamos com algumas idéias comuns sobre a produção da notícia, a notícia, o jornalista e a indústria jornalística. Por exemplo, um dos conceitos que pretendemos desmistificar é o de que ‘a notícia é um reflexo da realidade’. O projeto final deste trabalho será uma breve introdução a esses mitos com referências de pesquisa para o público universitário fora da área de Comunicação Social. Precisamos, assim, das

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6> **43**

melhores referências teóricas que possam ser fornecidas. O que você considera essencial desmistificar sobre o jornalismo, o jornalista e/ou a notícia? Cite pelo menos 3 importantes ‘mitos jornalísticos’ que deveriam ser quebrados.

Pensando nesta solicitação dos estudantes, lembrei-me de uma frase do filósofo Bertrand Russel: “Antes de pensar em como educar, convém esclarecer quais os resultados que se pretende obter.” Será objetivo do ensino do jornalismo ‘desmistificar’ (negar) ou aperfeiçoar (afirmar) o jornalismo? É principalmente neste sentido que podemos identificar velhas e novas tendências presentes em nossas escolas.

Já tem 35 anos a pesquisa sobre o ensino de jornalismo realizada nos Estados Unidos pela *American Newspaper Publishers Association*, em 1971, mas algumas de suas constatações seguem atuais:

as faculdades se isolaram do mundo do jornalismo. A ênfase na análise crítica da mídia abalou a confiança dos estudantes, destruiu seus ideais e substituiu-os pelo cinismo. (...) O divórcio entre meio profissional e acadêmico já tem várias gerações. Só 14% dos professores consideram importante fazer pesquisa para aprimorar a mídia. (cit. In COHEN et al, 2001, p.16)

Em consequência, o professor John Maxwell Hamilton, da Louisiana State University, afirmou em um simpósio promovido pela revista *Journalism and Mass Communication Educator*, em 2001, que o custo das oportunidades perdidas por este divórcio estava ficando intolerável, pois um lado precisava do outro. E observava:

A universidade se isolou da realidade graças a um sistema de auto-validação, e defende ciumentamente esta autonomia. Diferente das ciências humanas, a missão das escolas de jornalismo é formar práticos; embora persigam o prestígio de outras disciplinas, as faculdades de comunicação não competem na criação de teorias próprias, só na aplicação. (...) os problemas estão aí para aplicação: tecnologia, financiamento, livre informação; a indústria tem necessidade de pesquisa, e se as faculdades de jornalismo não a fizerem, outros setores acadêmicos vão tomar este espaço. (COHEN et al, 2001, p.16-19)

Com isso, Hamilton reforçava as conclusões de um longo estudo concluído cinco anos antes, em 1996, e publicado com o título *The Winds of Change: Challenges Confronting Journalism Education*. Esta pesquisa, patrocinada pelo Freedom Forum e coordenada pela jornalista Betty Medsger, ex-repórter do Washington Post, atualmente professora da Columbia, foi executada pela Universidade de Connecticut e ouviu por telefone 1041 jornalistas e 500 recrutadores de jornalistas nas empresas, além de

fazer uma longa entrevista com 446 professores de jornalismo por *e-mail*.

As conclusões chegadas foram de que os ventos da mudança eram fortes, e ficavam dúvidas se eles vinham para o bem ou para o mal: a principal tendência era a transformação dos cursos de jornalismo em comunicação, e a diminuição das disciplinas de jornalismo dentro delas. Jornalistas e professores se declaravam confusos sobre o que seria a profissão no futuro. E os pressupostos de que o jornalismo é uma atividade intelectual e de que o jornalismo é fundamental para a democracia já não eram consensuais nas escolas (MEDSGER, 2001).

A pesquisa apontava também para a dicotomia e falta de integração entre a visão acadêmica e a profissional, igualmente constatada por vários outros autores de nossa área em diversos países. O ensino de Jornalismo era ameaçado pela sobrevalorização dos PHDs em relação à experiência e à competência profissional dos professores como jornalistas: enquanto 57% dos novos jornalistas diziam que seus melhores professores foram os que tinham experiência prática e não PHD, 31% diziam que os melhores eram os que tinham os dois. Por outro lado, só 3% dos recrutadores das empresas reconhecia competência nos professores de jornalismo sobre as novidades e tendências da atividade, e também só 3% os consultava sobre estas questões. Para completar, os recrutadores tinham visão diametralmente oposta às escolas sobre o que deveriam

mudar no ensino de jornalismo. As sugestões deles não tinham correspondência com o que as escolas estavam pensando em fazer.

A pesquisa do Freedom Forum atribuiu grande parte do problema ao modelo norte-americano de avaliação das faculdades, uma certificação dirigida por uma associação privada de escolas:

A certificação das escolas só valoriza aspectos acadêmicos e cobra pesquisa científica dos professores, enquanto as escolas que mais colocam jornalistas no mercado de trabalho tem menor percentagem de PHDs; o processo de certificação não considera ou considera pouco o que os jornalistas e professores mais valorizam: qualidade do texto dos alunos e do ensino de redação, qualidade dos órgãos laboratoriais, e ensino de ética. O processo de certificação limita as disciplinas específicas de jornalismo em no máximo 25% do currículo. (MEDSGER, 1996)

De fato, as recomendações das visitas de certificação citadas são no sentido de que "as escolas devem produzir mais pesquisa e ter mais doutores no corpo docente", "a pesquisa jornalística não tem validade" e até de que "os professores devem perder menos tempo com alunos", "os professores devem perder menos tempo lendo e criticando textos de alunos" e "os professores devem escrever mais artigos acadêmicos e menos jornais universitários".

Esses critérios, segundo o estudo de Betty Medsger, refletem o desprestígio da prática profissional que prevalece no meio acadêmico: "muitos professores consideram a prática como 'ensino técnico', desconsiderando o seu aspecto intelectual", e "este

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6> **47**

preconceito não tem paralelo em outras profissões de ciência aplicada, como na saúde, engenharia, administração, etc". *Winds of Change* detecta que vários professores "ridicularizam os valores profissionais" e "consideram menos importante preparar jornalistas para a profissão". 52% dos novos jornalistas entrevistados relatam que algum professor lhe disse que a profissão não tinha futuro ou estava morrendo, e 63% que os professores consideravam o jornalismo uma atividade degradada (MEDSGER, 1996).

A conclusão geral do estudo é de que o ensino do jornalismo está vulnerável por vários fatores: à tomada do seu espaço pela ciência da Comunicação; a seu próprio fracasso para justificar e defender o campo; a sua dificuldade para emplacar na vida acadêmica; a seu complexo de inferioridade enquanto atividade intelectual e, ainda, ao descaso das organizações jornalísticas. Por fim, deixa algumas recomendações para as escolas: elas deveriam criar uma cultura jornalística; entender e usar as novas tecnologias sem perder o foco jornalístico; afirmar o jornalismo como atividade intelectual e os jornalistas como educadores; reconhecer os melhores jornalistas como presença necessária na comunidade acadêmica; motivar seus professores para pesquisar, escrever e publicar sobre jornalismo; desenvolver escolas de pensamento e prática; criar programas de pós-graduação focados no jornalismo; educar estudantes para pensar criticamente; preparar estudantes para serem profissionais de vanguarda e lutar pela mudança dos critérios de certificação das faculdades (MEDSGER, 1996).

Cinco anos depois da publicação do *Winds of Change*, a professora Loren Ghiglione, da Northwestern University, observa no debate da *Journalism and Mass Communication Educator*, em 2001, que as tendências se mantêm: "muitas universidades americanas estão marginalizando o ensino de jornalismo - tiraram até o jornalismo do nome dos cursos" (por recomendação da entidade de certificação em 1994); e adverte que "há uma crescente contradição entre buscar o respeito acadêmico e atender as necessidades dos alunos". Preocupada com os efeitos desta situação, Ghiglione lembra que "para a saúde da democracia, o ensino de jornalismo tem que perseguir a excelência, ser extremamente ambicioso" (COHEN et al, 2001).

Aqui no Brasil, como já apontamos em trabalhos anteriores (MEDITSCH, 1992, 1999, 2001, 2002, 2003), ocorre um processo semelhante: a partir do Ciespal, o Jornalismo é incluído na área de Comunicação, em busca de reconhecimento político e acadêmico; há, em conseqüência, um descolamento da teoria com a prática, e da pós-graduação em relação aos objetivos da graduação, que se reflete na ausência de áreas de concentração e linhas de pesquisa em jornalismo nos programas brasileiros de pós; e na rejeição crescente ao caráter aplicado da disciplina, como se viu no debate interno à área acadêmica de comunicação sobre a reclassificação das áreas de conhecimento, proposta pelo CNPq em 2005.

Esta tendência é agravada por uma crescente conjunção de interesses desta perspectiva acadêmica dominante na área com a

intenção de barateamento da universidade. Porque o jornalismo e seu ensino (assim como a universidade como um todo) são colocados à prova também pelo que uma escritora francesa chamou de “o horror econômico” (FORRESTER, 1997), a quem interessa este barateamento de um e de outro e que se caracteriza por alguns aspectos: a produtividade em função de resultado econômico imediato (marketing, barateamento), a desregulamentação e a desregulação, a desarticulação reforçada pela ausência do interesse público como referência e a supressão pelo interesse do capital de direitos, garantias e de progressos já alcançados.

É surpreendente que haja uma conjugação de interesses entre esse capital e setores das ciências humanas representadas na universidade. Surpreendente porque são as ciências humanas que fazem uma crítica mais bem estruturada da dominação da sociedade contemporânea. São áreas acadêmicas sérias, bastante consistentes, mas que parecem às vezes perder o pé da realidade ao analisarem objetos de que pouco entendem, como é o caso do jornalismo, mas se sentem à vontade para fazê-lo porque essa é uma terra de ninguém. Aí, se transformam numa crítica diletante.

O mestre Paulo Freire já apontava algumas razões para esta falha: nossa produção teórica é em grande parte colonizada. Pensamos nossos problemas com instrumentos e metodologias desenvolvidos em outras realidades, com outras perspectivas. Além disso, a universidade tende a viver à distância da realidade, cria um verdadeiro balé de conceitos que inverte o verdadeiro método de

conhecimento: ao invés de partir dos problemas da prática para buscar respostas na teoria e devolver soluções à prática, parte da teoria, quando muito faz uma visita empírica à prática e volta a se refugiar na teoria. Essa inversão é que provoca a impotência teórica na pesquisa, e a irrelevância de seus resultados em relação aos problemas concretos. A consequência é a negação da realidade e, como parte dela, a negação do jornalismo (MEDITSCH, 2003).

Mas se essa postura hegemônica das ciências humanas vinga em nossas escolas, é porque não encontra muitas vezes quem se contraponha seriamente a ela. A miopia tecnicista é o outro lado da mesma moeda. É uma doença ocular comum entre os profissionais que se tornam professores de jornalismo, e tem como principal característica a negação da possibilidade teórica: não é capaz de distinguir entre a teoria relevante e o verbalismo acadêmico e, em consequência, rejeita a literatura e ignora a tradição em que poderia se apoiar. A miopia tecnicista de muitos de nossos colegas não critica, e portanto não cria: apenas se deslumbra e reproduz o que acha bonito. Tem suas referências nos manuais técnicos, cujas razões de ser (o logos por trás das técnicas) não compreende. Em consequência, torna-se rapidamente desatualizada, não resiste à crítica, e não defende o território do jornalismo na academia, perdendo aquilo de que se acreditava proprietária.

Para complicar ainda mais, enfrentamos um vendaval tecnológico em que parece se confirmar a célebre frase de Marx sobre a modernidade, depois transformada em título de best-seller:

“Tudo o que é sólido desmancha no ar”. Na encruzilhada da era da informação, há gente apontando em todas as direções: para uns o jornalismo emerge, para outros submerge com a mídia tradicional. O certo é que a midiamorfose, a re-mediação, as novas formas de interatividade e de participação do público exigem respostas da profissão. As empresas muitas vezes batem ou gostariam de bater às portas das universidades em busca dessas respostas, mas não têm encontrado interlocutores interessados no desafio. A perspectiva de mutação desafia a pesquisar e ensinar coisas novas, e as escolas não têm claro ainda o que nem como ensinar.

Por isso, já há dez anos o professor Philip Meyer, da University of North Carolina, advertia que o jornalismo precisa de PhDs. A incerteza que acompanha a mutação tecnológica o levou a resgatar a idéia da universidade humboldtiana (Berlim, 1810): só pesquisadores conseguem acompanhar o conhecimento em mutação. A unidade indissolúvel ensino-pesquisa é a única saída possível. O ensino e a pesquisa devem perseguir a qualidade do jornalismo – adotando uma efetiva perspectiva profissional. A dicotomia entre teoria e prática precisa ser superada.

A perspectiva profissional pode ser caracterizada por algumas posturas: primeiro, a de valorizar a tradição acadêmica e a cultura jornalística, recuperando a literatura específica desprezada nas últimas décadas de domínio da comunicação social; segundo, a de reafirmar os valores da profissão, tais como o interesse público, a

independência, a busca da verdade, o rigor, a ética, o compromisso com a liberdade.

Nessa perspectiva, é fundamental distinguir entre os objetivos perseguidos pela profissão, que são sociais, daqueles perseguidos pela mídia, que são comerciais, ou pela comunicação corporativa, que são setoriais ou privados. Daí a necessidade do reconhecimento do profissional em sua especificidade (o que nos remete também para os debates sobre a regulamentação e a auto-regulação). E, para que a sua formação seja eficaz, articulá-la à pesquisa que coloca as questões a partir dessa perspectiva, distintiva e necessariamente aplicada.

A professora Lana Rakow, da University of North Dakota, chama a atenção para o fato de o profissionalismo ser normalmente identificado com performance, mas ir mais além. Para ela, além do velho debate histórico sobre o que e como ensinamos, deveríamos debater também por que e para quem ensinamos. Rakow distingue entre os princípios das profissões e os das empresas, comparando o jornalista ao médico que, independente de quem o emprega, emprega junto os seus valores profissionais. Por isso, no seu ponto de vista, os verdadeiros clientes das escolas de jornalismo não são os alunos nem a indústria da mídia, mas o público, e é em função do público que as escolas devem se empenhar em aprimorar o padrão do jornalismo (COHEN et al, 2001, p.11-14).

O professor Tom Jacobson, da Buffalo University, observou no mesmo simpósio que o conhecimento essencial ao jornalista se

tornou mais rigoroso e mais complexo, demandando novas pesquisas. Mas ele defende também que os livros sacros do jornalismo – os clássicos da profissão – devam ser preservados como os livros sacros cristãos na Idade Média, para não serem esquecidos (COHEN et al, 2001, p.19-21). A essas recomendações do debate norte-americano, poderíamos acrescentar os desafios propostos pelo educador brasileiro Paulo Freire para viabilizar essa perspectiva profissional. Por exemplo, abrir as caixas-pretas das tecnologias, revelando o seu *logos*. Desta forma, conseguiríamos desvelar as técnicas enquanto teorias cristalizadas. Mas para tanto, seria necessário inverter o método tradicional da produção acadêmica (teoria-prática-teoria) adotando uma perspectiva aplicada (prática-teoria-prática).

Contudo, não basta dar atenção às técnicas, ainda que seja atenção teórica. Na sociedade do conhecimento, mais do que nunca é necessário afirmar o jornalismo enquanto atividade intelectual. Na perspectiva do jornalismo, é preciso transformar os atuais cursos de comunicação em cursos de conhecimento, lugares de ‘aprender a aprender’ e de ‘ensinar a aprender’. Mas, principalmente, de ‘aprender a apreender a realidade’, aproximando-se dela, a partir de um lugar profissional específico. Na sociedade do conhecimento e da mutação, é preciso também ter claro, como observava Paulo Freire, que a realidade não está dada, mas sempre dando-se, e com a nossa participação.

Nessa perspectiva, para responder a esses desafios é preciso optar entre alguns caminhos, que resumo num título, que utilizei há alguns anos: é preciso optar entre crescer para cima, a meu ver a direção certa, ou crescer para os lados, como equivocadamente temos feito. Na formação profissional, nesse sentido, o importante seria consolidar as competências específicas, ao invés de cair na tentação de formar um ‘jornalista polivalente’ (ou ‘comunicador’), capaz de assumir qualquer profissão ou papel social a partir apenas da graduação, como tentou o projeto do Ciespal (MEDITSCH, 1999). Na verdade, este profissional, em vez de virtuoso, saía do curso despreparado para tudo, e chegava a ser ridicularizado nas redações.

Obviamente, temos aqui no Brasil um nó a desatar nesse sentido, que é a incorporação da função de assessor de imprensa na profissão de jornalista. Isto se deu num processo histórico e não tem paralelo nos principais países do mundo, como na Europa e nos Estados Unidos, onde a assessoria é vista como externa à profissão e, em alguns países, até declarada incompatível com o seu exercício nos códigos de ética.

Essa situação inédita dos jornalistas brasileiros no cenário internacional nos obriga a uma reflexão teórica original que não está sendo feita aqui nem em nenhum outro lugar do mundo, e que não tem uma tradição consolidada em que se apoiar. Talvez a tradição do direito, onde uma única formação serve de base para funções diferentes e até incompatíveis no sistema jurídico (o juiz, o advogado, o promotor) nos indique que é possível achar um

caminho. Mesmo assim, o caminho terá que ser diferente, principalmente pela questão do financiamento. Ao contrário do direito, com as procuradorias, no jornalismo o profissional que representa o interesse público não é mantido pelo estado, mas pela indústria da mídia, que é predominantemente privada em nosso país.

Mas se temos os nossos nós – até este momento ‘nós cegos’ na perspectiva da teoria do jornalismo, que nos levam a ‘vôos cegos’ na profissão, capazes de provocar inúmeros desvios – temos também um grande horizonte pela frente. O universo da produção de conteúdo na era da informação se tornou infinito. É o maior mercado de trabalho com que o jornalista poderia sonhar. Traz também os seus desafios, como a abertura da produção de conteúdo aos amadores, pelas novas formas de interatividade, que alguns, precipitadamente, temem que possa tirar espaço ou substituir a profissão.

No entanto, sempre um profissional capacitado, técnica, teórica e eticamente, fará um trabalho melhor do que um amador. Atualmente, na universidade, o curso de jornalismo é o único que ensina de forma sistemática a escrever, a apurar, a editar e a pensar o que fazer com essas competências. É um grande diferencial competitivo diante dos desafios de gestão da informação e do conhecimento que são os maiores desafios da civilização nas próximas décadas.

Contudo, ao contrário do que indica o senso comum, é uma maior consistência na formação específica que pode gerar uma maior adaptabilidade do profissional diante das transformações e das encruzilhadas que vai encontrar no futuro. Quem consegue dominar certas competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) de uma forma estruturada e coerente, é porque aprendeu a aprendê-las, e aprenderá outras, ainda que totalmente novas, com mais facilidade do que outro que tentou abarcar tudo e não se aprofundou em nada. Daí a importância dos projetos pedagógicos distinguirem a profissão (com suas funções exclusivas) das eventuais ocupações (funções compartilhadas com outras profissões) que um jornalista pode exercer em sua vida laboral e social.

Felizmente, esta tarefa é facilitada pelo renascimento do jornalismo como campo acadêmico, que é muito claro aqui no Brasil nos últimos anos. Para isso contribuiu não apenas a preocupação com a formação por parte do meio profissional, expressa no programa de qualidade de ensino da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), mas também a resposta do meio universitário com a criação e consolidação dos grupos de jornalismo na Intercom, Alaic e Compós e mais recentemente com a criação das entidades de ensino e pesquisa: o Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), e a consolidação das revistas acadêmicas *Pauta Geral*, *Estudos em Jornalismo e Mídia* e *Brazilian Journalism Research*.

O mesmo movimento se observa a nível internacional, com a

criação de um grupo de interesse em jornalismo na International Communication Association (Ica), o surgimento de revistas como *Journalism e Journalism Studies*, assim como de espaços de pesquisa específica em instituições de prestígio, como o Project for Excellence in Journalism (Columbia, USA) e The Reuters Institute for the Study of Journalism (Oxford, UK), acompanhados pela expansão das redes internacionais de acadêmicos que estudam jornalismo.

No entanto, ainda há um longo caminho para o jornalismo ser levado a sério na academia, e há ainda divergências sobre como conseguir isso (ZELIZER, 2004; MACHADO, 2006). A nosso ver, o fundamental para tanto é demarcar a sua especificidade epistemológica, que não está clara mesmo para muitos de nós, pesquisadores de jornalismo. É preciso também elevar o nível de nossa prática científica e não ignorar, mas recolocar as questões suscitadas pelos estudos de jornalismo realizados por outras disciplinas: desmistificar a desmistificação do jornalismo. Chegaremos lá quando conseguirmos construir teorias e metodologias próprias para sistematizar, criticar (por dentro) e aperfeiçoar as competências (conhecimentos, habilidades, atitudes) da prática.

Há também um caminho a percorrer para que as escolas sejam levadas a sério não apenas na academia, mas também no meio profissional do jornalismo: é preciso consolidar o jornalismo como disciplina de direito próprio, elevar igualmente o nível de sua prática científica, se aproximar da realidade, buscar respostas aos

problemas relevantes para a profissão, projetar e construir competência profissional para o presente e o futuro, assumindo a vanguarda tecnológica, e distinguir a qualidade no jornalismo, apontando erros e alternativas pragmáticas para o seu aprimoramento.

Por fim, gostaria de deixar esta impressão de que “passará a mídia, mas o jornalismo não passará”. Toda a mídia que conhecemos hoje, inclusive a internet em sua forma atual, tende a estar superada num futuro próximo, mas nada indica que a atividade jornalística desapareça com ela. É possível que todas as formas de mídia e de seu controle desapareçam ou passem por transformações profundas durante a vida profissional de nossos atuais alunos, mas a informação e sua expressão vão continuar existindo e requerendo tratamento profissional.

No entanto, para que o jornalismo sobreviva à era da informação é preciso estar preparado, e esta preparação passa pela universidade. Não pode haver contradição nem distanciamento entre teoria e prática (se a teoria na prática é outra, está errada a teoria, dizia Adelmo Genro Filho). Não é razoável desprezar as competências técnicas, processuais, metodológicas e deontológicas desenvolvidas historicamente na profissão, que representam o seu principal patrimônio no novo contexto: em vez disso, é preciso sistematizá-las em teorias e modelos com base científica e aplicação tecnológica, antes que outros aventureiros o façam.

É preciso ter claro que o jornalista é acima de tudo um

intelectual, e a capacidade crítica sua principal competência técnica, para o que der e vier. Mas para preservá-la será preciso defender o território acadêmico e lutar pelo crescimento do campo, pelo seu reconhecimento e auto-estima, recuperando o bom espírito de corpo, com competência teórica, pedagógica e técnica, de forma articulada, tanto a nível nacional quanto internacional, através das entidades e redes profissionais, de ensino e de pesquisa. O Brasil tem hoje um papel de vanguarda nessa luta.

Bibliografia

COHEN, Jeremy et al. Symposium: Journalism and Mass Communication Education at the Crossroads. **Journalism and Mass Communication Educator** 56/3, Autumn 2001

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **A Formação Universitária do Jornalismo**. Florianópolis: Cátedra UFSC/Fenaj, 2002.

_____. **Programa nacional de estímulo à qualidade da formação profissional dos jornalistas**. Vila Velha: Fenaj, 1997.

FORESIGHT 2020: Economic, Industry and Corporate Trends. A report from The Economist Intelligence Unit. **The Economist**, 2006. Disponível em: http://a330.g.akamai.net/7/330/2540/20060418195140/graphics.eiu.com/files/ad_pdfs/eiuForesight2020_WP.pdf Acesso em 26/4/2006

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Unesp, 1997.

LAGE, Nilson. A formação universitária dos jornalistas. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 2. **Anais**. São Paulo, 1999.

_____. O ensino e pesquisa do jornalismo no século XXI. In: FÓRUM NACIONAL DOS PROFESSORES DE JORNALISMO, 4. **Anais**. Campo Grande, 2001. Disponível em www.fnpj.org.br

MACHADO, Elias. Três pressupostos para que o estudo do jornalismo seja levado a sério. ENCONTRO DA COMPÓS, 15. Grupo de Trabalho de Jornalismo. **Anais**. UMEP, Bauru, SP, jun. 2006.

MEDSGER, Betty. **Winds of Change: Challenges Confronting Journalism Education**. Arlington: The Freedom Forum, 1996.

MEDITSCH, Eduardo. **A questão da prática em Paulo Freire e o projeto Universidade Aberta do Curso de Jornalismo da UFSC**. 2003. Disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch_paulo_freire_un_aberta.zip

_____. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo**. 1999. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-dilema.html>

_____. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MELO, José Marques de. Jornalismo e universidade: uma longa história de conflitos. **Jornal da ABI**, Especial 90 Anos, 2000.

_____. Os primórdios do ensino de jornalismo. ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2. **Anais**. Florianópolis, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

MEYER, Philip. Why Journalism Needs PhDs. **The American Editor**, September 1996.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O Curso de Comunicação Social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

NIXON, Raymond. **Education for Journalism in Latin America: A report of Progress**. Minneapolis: Minnesota Journalism Center, 1971.

RODRIGUEZ, Elena Real. Un intento por clarificar los actos propios del ejercicio periodístico. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, 11, 2005, p.129-151

TRAQUINA, Nelson. O ensino de jornalismo perante os desafios da transição tecnológica. Florianópolis, ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 7. **Anais**. 2004. Disponível em: www.fnpj.org.br

ZELIZER, Bárbara. **Taking journalism seriously. News and Academy**. London: Sage, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.41-62, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>